

# Críticas teístas do ateísmo

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

## Resumo

Uma descrição do ressurgimento do teísmo filosófico em nosso tempo, incluindo um breve levantamento de destacados argumentos antiteístas, tais como a presunção do ateísmo, a incoerência do teísmo e o problema do mal, além de uma defesa de argumentos teístas como o argumento da contingência, o argumento cosmológico, o argumento teleológico e o argumento moral.

Versão resumida em [The Cambridge Companion to Atheism](#), pp. 69-85. Ed. M. Martin. Cambridge Companions to Philosophy. Cambridge University Press, 2007 ([mais informações aqui](#)).

## Introdução

O último meio século testemunhou uma verdadeira revolução na filosofia anglo-americana. Em retrospectiva recente, o eminente filósofo de Princeton Paul Benacerraf recorda como era fazer filosofia em Princeton durante os anos de 1950 e 1960. O modo de pensar esmagadoramente dominante era o naturalismo científico. A metafísica havia sido vencida, expulsa da filosofia como uma leprosa imunda. Qualquer problema que não pudesse ser resolvido pela ciência era simplesmente desconsiderado como pseudoproblema. O verificacionismo reinou triunfante sobre a emergente ciência da filosofia. "Este novo iluminismo viria a deitar por terra os antigos pontos de vista e atitudes metafísicos, substituindo-os pelo novo modo de fazer filosofia". [1]

O colapso do verificacionismo foi sem dúvida o evento filosófico mais importante do século XX. Sua morte significou o ressurgimento da metafísica, juntamente com outros problemas tradicionais da filosofia que o verificacionismo suprimira. Acompanhando esse ressurgimento, veio algo novo e completamente inesperado: o renascimento da filosofia cristã.

A feição da filosofia anglo-americana foi conseqüentemente transformada. O teísmo está em ascensão; o ateísmo está em declínio. [2] O ateísmo, embora talvez ainda seja o ponto de vista dominante na academia americana, é uma filosofia em retirada. Em artigo recente na revista secularista *Philo*, Quentin Smith lamenta o que ele chama de "a dessecularização da academia que se desenvolveu nos departamentos de filosofia desde o final dos anos de 1960". Ele se queixa assim:

Naturalistas passivamente observaram à medida que versões realistas do teísmo... começaram a varrer através da comunidade filosófica, até que hoje talvez um quarto ou um terço dos professores de filosofia seja teísta, com a maioria sendo cristãos ortodoxos... na filosofia, tornou-se, quase da noite para o dia, "academicamente respeitável" defender o teísmo, fazendo da filosofia um privilegiado campo de entrada para os teístas mais inteligentes e talentosos que entram na academia hoje. [3]

Smith conclui: "Deus não está 'morto' na academia; ele voltou à vida no fim da década de 1960 e agora está bem vivo em sua última fortaleza acadêmica, os departamentos de filosofia". [4]

Como vanguardas de um novo paradigma filosófico, filósofos teístas têm lançado livremente várias críticas ao ateísmo. Em espaço tão pequeno como este artigo, é impossível fazer algo além de esboçar algumas

delas e fornecer orientação para leituras mais aprofundadas. Estas críticas podem ser agrupadas em duas frentes básicas: (1) Não há argumentos convincentes a favor do ateísmo e (2) Existem argumentos convincentes a favor do teísmo.

### *Não há argumento convincente a favor do ateísmo*

**Presunção do ateísmo.** Teístas se queixam que os argumentos habituais contra a existência de Deus não passam na inspeção filosófica. Uma das justificativas mais comumente proferidas do ateísmo é a chamada presunção do ateísmo. À primeira vista, esta é a afirmação de que, na ausência de provas da existência de Deus, devemos presumir que Deus não existe. Assim entendida, tal suposta presunção parece confundir o ateísmo com o agnosticismo. Quando se atenta mais de perto para como protagonistas da presunção de ateísmo utilizam o termo "ateu", no entanto, descobre-se que eles por vezes estão redefinindo a palavra para indicar apenas a ausência de crença em Deus. Tal redefinição banaliza a alegação da presunção do ateísmo, pois nesta definição o ateísmo deixa de ser uma um ponto de vista, e até mesmo bebês contam como ateus. Ainda seria necessário justificativa a fim de saber que Deus existe ou que Ele não existe.

Outros defensores da presunção do ateísmo utilizam a palavra da forma convencional, mas insistem que é precisamente a ausência de provas para o teísmo que justifica a sua afirmação de que Deus não existe. O problema com essa posição é captado muito bem pelo aforismo, tão caro aos cientistas forenses, de que "ausência de provas não é prova de ausência". A ausência de provas é prova de ausência apenas nos casos em que, se a entidade postulada existisse, deveríamos esperar ter mais provas de sua existência do que o temos. No que diz respeito à existência de Deus, cabe ao ateu provar que, se Deus existisse, Ele